

Biblioteca Humana

GUIA DE DISSEMINAÇÃO



FICHA TÉCNICA

Autores

Marta Costa

Revisão Crítica

Júlia Mendes

Design

Epopeia brands epopeia-brands.pt

Edição

Oficina

ISBN

978-989-33-0384-9

Biblioteca Humana

GUIA DE DISSEMINAÇÃO

EXPERIÊNCIA



www.visitportugal.pt

INICIATIVA



EDIÇÃO



Índice

Nota Prévia 7

Introdução 9

Breve História da Biblioteca Humana 13

Organizar e implementar uma Biblioteca Humana 17

Fatores críticos de sucesso 33

Conclusões 35

Bibliografia 37

Nota Prévia

A participação ativa de cidadãos e cidadãs nas decisões e atividades levadas a cabo a nível local e regional é fundamental para a consolidação de sociedades democráticas, inclusivas e prósperas. A participação na vida democrática de uma comunidade supõe muito mais que a simples votação ou apresentação de candidaturas para as eleições, ainda que estes elementos sejam importantes. A participação e a cidadania ativa supõem ter o direito, os meios, o espaço, a oportunidade e, quando seja necessário, o apoio para participar e influenciar as decisões, e para tomar parte em ações e atividades destinadas a construir uma sociedade melhor.

A Biblioteca Humana, projeto internacional criado na Dinamarca em 2000 mas adaptado a grupos escolares pelo Município de Valongo em 2010, é uma das atividades onde pessoas de diferentes idades, sexos, origens e competências são chamadas a participar e a ter uma voz na vida coletiva.

A Biblioteca Humana funciona como um caleidoscópio da diversidade de uma determinada comunidade. Permite que participantes contactem com essa mul-

tipicidade, a compreendam e a celebrem, dando voz e oportunidade para que umas e outros se façam ouvir. Em termos gerais, facilita o diálogo construtivo e informal entre estudantes e pessoas que representam grupos que frequentemente são vítimas de ideias preconcebidas, discriminação ou exclusão social, que atuam como Livros Humanos: etnia, religião, imigração, orientação sexual são alguns dos estereótipos trabalhados.

Este projeto cria a oportunidade de relacionamento interpessoal entre grupos que habitualmente não teriam a possibilidade de interagir e permite o confronto com ideias feitas e preconceitos num ambiente estruturado, protegido e limitado no tempo. O slogan adotado é o desafiante “Não julgues o livro pela capa”. Em última análise, contribui para a criação de comunidades mais fortes e unidas.

Tendo já sido alvo de várias distinções a nível nacional e internacional, destaca-se o Prémio Boas Práticas de Participação, atribuído pela Rede de Autarquias Participativas (RAP), uma iniciativa que visa o incentivo à implementação, disseminação e valorização de práticas inovadoras de democracia participativa desenvolvidas em Portugal.

É pois com muita satisfação que agarramos o convite da Rede de Autarquias Participativas para criar este Guia de Disseminação.

Esperamos que seja uma mais-valia para o trabalho de Municípios e outras entidades interessadas em melhorar as condições de vida dos territórios, fomentado a participação e os direitos humanos.

José Manuel Ribeiro

Presidente da Câmara Municipal de Valongo

Intro- dução

Numa sociedade em rápida mutação, a globalização e os diversos fenômenos migratórios têm contribuído para sociedades cada vez mais diversas e heterogêneas. No entanto, o processo de mudança de mentalidades é bastante lento. Rodeados por imagens e fragmentos de informação acerca de umas e outros, tendemos a interagir com pessoas parecidas conosco, pelo que as oportunidades para desafiar estereótipos e preconceitos são reduzidas.

Por isso, quem trabalha na área da promoção do diálogo intercultural, direitos humanos e democracia participativa enfrenta frequentemente o desafio de desenvolver uma metodologia verdadeiramente inovadora. Algo que possa chamar a atenção, ser cativante e fazer a diferença.

A Biblioteca Humana, apresentada neste guia, é uma dessas ferramentas. Focada em questionar valores, essa não indica às pessoas como devem pensar mas cria a oportunidade de diálogo interpessoal construtivo entre indivíduos que habitualmente não teriam oportunidade de interagir, num ambiente estruturado, protegido e limitado no tempo. Numa abordagem completamente

democrática e participativa, assume que não temos que concordar com os valores e identidades dos outros para que a coexistência pacífica exista, considerando a diferença como uma oportunidade de aprendizagem.

O objetivo deste guia é encorajar e apoiar as pessoas e instituições que desejem promover a educação para os direitos humanos e implementar a Biblioteca Humana junto de públicos escolares.

Note-se, no entanto, que este trabalho não pretende oferecer uma receita perfeita para o desenvolvimento da iniciativa. Trata-se de uma reflexão que tem por base a adaptação da metodologia feita pelo Município de Valongo a públicos escolares. Este exercício foi efetuado em 2009, numa altura em que não eram conhecidas outras experiências da Biblioteca Humana aplicadas a contextos grupais. Teve por base a necessidade de rentabilizar tempo letivo bem como as características desenvolvimentais de jovens adolescentes. Pese embora a finalidade e objetivos da metodologia original sejam respeitados, a forma de implementação é bastante distinta.

Outras adaptações podem ser feitas por diferentes instituições, fruto de condicionantes circunstanciais e recursos locais; no entanto, existem limites claros à adaptação metodológica e à sua finalidade, que devem ser respeitados. Estes aspetos serão claramente enfatizados no texto.

Finalmente, embora a atividade pareça simples de organizar, existem muitos pormenores a acautelar, sendo o recrutamento e seleção de Livros Humanos com perfil adequado um dos elementos críticos de sucesso. Ainda assim, a organização de uma Biblioteca Humana é, indubitavelmente, um processo muito enriquecedor e um laboratório de práticas cosmopolitas multiculturais.

1. Breve História da Biblioteca Humana

A Biblioteca Humana é um projeto internacional, criado na Dinamarca em 2000. Imediatamente após um crime de ódio, a associação Foreningen Stop Volden (Stop the Violence) – que trabalhava com jovens para promover a cidadania ativa em relação à prevenção de situações de violência – ofereceu diversas atividades a visitantes do Festival Roskilde, o maior evento de música da Dinamarca. Entre elas contava-se a Biblioteca Humana.

Esta cria a oportunidade para que pessoas possam conversar com indivíduos que per-

tencem a grupos que frequentemente são alvo de estereótipos, discriminação e preconceito. Numa sessão de Biblioteca Humana, Livros Humanos estão disponíveis para serem requisitados a elementos do público por períodos de cerca de trinta minutos. Exemplos desses livros são, por exemplo, etnia, religião, identidade sexual, deficiência. A interação é feita de um para um e as pessoas são desafiadas a conversarem com o seu preconceito.

Rapidamente ficou claro para a ONG, para organizadores do Festival e para o público em geral, que a Biblioteca Humana tinha potencial para ir muito além das expectativas iniciais.

Esta experiência positiva atraiu a atenção do diretor do European Youth Centre of the European Council em Budapest (EYCB). Com a sua mediação, os jovens dinamarqueses foram apresentados à organização do Festival Sziget. Em 2001 foi organizada uma edição da Biblioteca Humana neste festival de música. O sucesso da iniciativa fez com que esta se repetisse, desde então, naquele formato.

A experiência no Festival Sziget permitiu compreender que a iniciativa é facilmente adaptada a outros contextos e países. Durante o tempo em que a iniciativa foi organizada na Hungria, a metodologia foi melhorada através da introdução de dicionários e Livros Humanos que funcionaram como tradutores.

Nos anos seguintes, os/as organizadores/as começaram a descobrir as extraordinárias possibilidades que oferece. Assim, a Biblioteca Humana foi promovida na Noruega, enquanto parte dos comités nórdicos da juventude. Na Finlândia, a Allianssi, uma associação de cooperação na área da juventude, coordenou esforços durante vários anos, tendo inclusivamente recebido financiamento do Ministério da Educação para a operacionalização da Biblioteca Humana. Em Portugal, a primeira experiência foi organizada durante o festival Rock In Rio. O Município de Valongo fez a sua adaptação em 2009/2010.

Ao longo dos anos a Biblioteca Humana tem vindo a ser organizada um pouco por todo o mundo, integrando inclusivamente a programação regular de diversas bibliotecas e equipamentos educativos.

No entanto, nem todas as experiências foram positivas. A necessidade de assegurar a implementação global da Biblioteca Humana enquanto uma plataforma de aprendizagem, uniformizar procedimentos, garantir a fidelidade aos princípios originais e dar formação a instituições e pessoas que trabalham na área dos direitos humanos e com jovens, impulsionou a criação da Human Library Organization (<https://human->

library.org). Esta ONG acolhe ou está envolvida em atividades em mais de 80 países, distribuídos por todos os continentes, apoiando instituições e indivíduos nos seus esforços de inclusão e diversidade. Constitui ainda um fórum para entidades organizadoras em todo o mundo, possibilitando a troca de experiências e o desenvolvimento da metodologia.

Apesar das suas diversas adaptações a diferentes contextos (festivais de música, escolas, conferências, pequenos eventos dirigidos a jovens, locais de trabalho, etc.) o objetivo original mantém-se: desafiar estereótipos e fomentar a empatia.

2. Organizar e implementar uma Biblioteca Humana

2.1. Compreender a Biblioteca Humana e seus princípios subjacentes

Compreender a Biblioteca Humana é um dos princípios fundamentais para alguém que deseje organizar um evento.

A ideia subjacente à Biblioteca Humana é a de que o contacto interpessoal é uma poderosa forma de derrubar barreiras. Na base desta aparente ideia do senso-comum está, no entanto, a investigação científica.

A Biblioteca Humana e a sua ligação aos Direitos Humanos

O objetivo central da Biblioteca Humana é promover o respeito pelos Direitos e a dignidade humana. Estes conceitos são universais e indivisíveis. Pese embora tenham existido eventos da Biblioteca Humana que se focaram em grupos específicos (ex.: populações imigrantes ou refugiadas) estes são considerados a exceção e não a regra. A Biblioteca Humana deve funcionar como um caleidoscópio da diversidade de uma determinada comunidade e permitir que participantes contactem com essa multiplicidade, a compreendam, a aceitem e a celebrem. Ao mesmo tempo, têm a oportunidade de identificar, esclarecer e expressar as suas próprias crenças e valores e confrontá-los com os das outras pessoas numa estrutura segura baseada na dignidade de cada ser humano, na liberdade de pensamento e de expressão e no respeito pelas opiniões alheias. Neste sentido, alguém que pretenda organizar um evento da Biblioteca Humana deve assumir estes valores e comunicá-los de forma clara a todas as pessoas envolvidas.

Estereótipos, preconceitos e discriminação

De uma forma muito simplificada, é possível definir estes conceitos:

Estereótipo crença generalizada acerca de grupos e seus membros.

Preconceitos reações emocionais ou avaliações desfavoráveis a grupos e seus membros

Discriminação tratamento diferencial em relação a certos grupos e seus membros, por oposição a outros grupos e seus membros.

As formas mais prejudiciais de estereótipo, preconceito e discriminação dirigem-se habitualmente a elementos de grupos estigmatizados (historicamente com baixo poder estrutural e que podem ser definidos através do sexo, etnia, classe social, identidade sexual, religião, idade, debilidades físicas ou psicológicas, nacionalidade, língua) ou que são alvo de discriminação múltipla.

Para além de serem prejudiciais aos indivíduos que deles são alvo, têm também um forte impacto no âmbito do relacionamento interpessoal de grupos, podendo inclusivamente dar origem a perdas de vidas humanas.

A Biblioteca Humana reconhece que a maioria das pessoas usa estereótipos nas suas interações, pelo menos em parte do tempo convida o público a interagir com eles, fomentando assim a empatia.

Desafiar estereótipos encontrando-se com eles

A investigação tem demonstrado que o contacto intergrupar pode diminuir de forma significativa estereótipos negativos e que preconceito e contacto estão inversamente correlacionados. Isto significa que, quanto mais as pessoas estão em interação umas com as outras, mais os estereótipos pré-existentes são reduzidos. Foram identificadas três fases de redução de estereótipos:

- a) O aumento da informação acerca do outro grupo permite uma aproximação cognitiva ao mesmo;
- b) Como resultado do contacto pessoal, a tensão negativa em relação ao outro grupo diminui;
- c) A empatia em relação ao outro grupo é reforçada.

A Biblioteca Humana fornece, pois, uma oportunidade ímpar para que, num contexto seguro e confortável, se possam fazer perguntas diretas e extremamente pessoais, sem julgamentos de parte a parte. Finalmente, não existe a tentativa ou pressão de convencer a outra pessoa a aceitar algo com o qual não concorda mas a criação de condições para que se possa sair da zona de conforto e ultrapassar medos, não julgando o livro pela capa.

Em contexto escolar a Biblioteca Humana ajuda estudantes a compreenderem-se a si próprios e a diversidade humana e encoraja a expressão pessoal de forma construtiva. Esta experiência pode ainda ser considerada a ponta do iceberg uma vez que todo o processo de preparação pode incluir discussões relacionadas com diversas áreas curriculares. Por outro lado, permite ainda o desenvolvimento de competências transversais de comunicação.

2.2. Organização passo a passo

2.2.1. Definição de objetivos

Os objetivos da Biblioteca Humana estão, em larga medida, definidos na metodologia. Esta é uma atividade que visa promover o respeito pelos direitos humanos e dignidade humana. Visa fomentar o diálogo construtivo acerca de preconceitos que conduzem à discriminação em relação a indivíduos e grupos.

Pese embora estes objetivos estejam pré-definidos, podem ser criados objetivos mais específicos, de forma a abordar especificidades e questões locais. Um exemplo disso é a ligação a eventos nacionais ou locais (ex.. aumento de crimes de ódio ou violações de direitos humanos, a comemoração de dias específicos, ligados à missão da Biblioteca Humana, etc.).

2.2.2. Planeamento e preparação gerais

O planeamento tem várias vertentes. Todas são fundamentais e podem acontecer em simultâneo.

Recrutamento de pessoas voluntárias/ Livros Humanos

Uma das fases mais importantes é o recrutamento de voluntários/as. Estas pessoas, para além de se incluírem num grupo potencialmente excluído/alvo de estigma e/ou preconceito, devem ter preparação técnica e científica para responderem a perguntas, sob pena de reforçarem os estereótipos que a atividade pretende combater.

A forma mais eficaz de o fazer é o através de ONGs e associações sem fins lucrativos que têm como principal interesse e missão a luta contra estereótipos que encontram no seu dia-a-dia. Por outro lado, este tipo de ativistas está frequentemente habituado a responder a perguntas semelhantes às que leitores/as da Biblioteca Humana colocam, conseguindo dar-lhes resposta de forma competente. No entanto, pode ser necessário recorrer às redes de relações e/ou fazer um recrutamento externo. Neste caso pode ser útil entrevistar os/as candidatos/as a Livros Humanos e, caso reúnam o perfil necessário, pode ser importante apoiá-los na preparação do testemunho de vida que escolheram partilhar (uma descrição prolongada, ou só de um curto período).

Os Livros Humanos devem ter várias características, para além da acima referida:

- a) Autenticidade – procuram-se pessoas que tenham experiências significativas acerca do tema em questão e que sejam capazes de as expressar de forma construtiva.
- b) Assertividade – sujeitos capazes de comunicar com diferentes tipos de públicos, tendo uma postura madura e reflexiva acerca do tema mas evitando uma abordagem endoutrinadora.
- c) Capacidade de gestão de conflito.
- d) Fluência verbal mas igualmente com capacidade de escuta.
- e) Capaz de se envolver em interações centradas no público-alvo – mais do que falar ou debitar uma história de vida, espera-se que Livros Humanos sejam capazes de se centrar em aspetos que visitantes querem perguntar ou discutir, sob pena de não se conseguir uma interação significativa e promotora de aprendizagem social.
- f) Capacidade para efetuar self-disclosure acerca do tema, num contexto que habitualmente é protegido mas que pode, em determinados momentos, ser mais exigente em termos de cansaço e desafio nas perguntas colocadas.
- g) Capacidade de ter uma opinião reflexiva e madura sobre o assunto que estão a representar.
- h) Comprometimento com a atividade e a duração da mesma – não sendo necessário participar em todas as sessões, é importante que participem naquelas em que se comprometeram, exceto em caso de motivo de força maior.
- i) Compreensão de que esta é uma atividade que visa a promoção de direitos humanos e, como tal, verbalizações negativas acerca de outros grupos (presentes ou ausentes da sessão em que participam) não são bem-vindas.

O quadro 1 visa ajudar a esclarecer alguns aspetos que podem facilitar a tarefa de Livros Humanos durante a implementação da atividade.

Quadro 1: Aspectos úteis a Livros Humanos

- Pode ser útil preparar alguma informação factual (ex.: dados estatísticos, síntese de investigações científicas, etc.) de forma a saber responder a alguns aspetos com que os/as leitores/as o/a confrontam.
- Ser genuíno e honesto. Os Livros Humanos devem ser autênticos e ter experiência pessoal significativa sobre o assunto que representam.
- Não representar um papel ou inventar características para si próprio.
- Estar preparado para partilhar experiências pessoais. No entanto, se as perguntas se tornarem muito pessoais, não há obrigatoriedade de resposta.
- Ser Livro Humano pode implicar repetir a mesma história vezes sem conta. No entanto, ajuda se conseguir tratar cada um dos seus leitores como o primeiro.
- Pode acontecer de que o/a leitor/a seja rude ou agressivo/a. Tentar manter a calma, ao mesmo tempo que demonstra compreensão mas desacordo é uma boa estratégia.
- Se se sentir humilhado por um/a leitor/a recorde-lhe as regras da Biblioteca Humana: tem o direito de terminar uma discussão se se sentir insultado/a ou intimidado/a.

A diversidade de Livros Humanos disponibilizados é um dos aspetos mais interessantes e apreciados do projeto. Nas suas diversas edições, a Biblioteca Humana tem vindo progressivamente a abranger mais Livros Humanos: etnia, religião, migração, identidade sexual, deficiência, doença oncológica, doença mental, entre outros que a interação ou o momento sociocultural com o meio potencia.

Formação de Livros Humanos

Deve ser efetuada uma reunião onde é discutido com Livros Humanos o conceito subjacente ao projeto e o seu papel na atividade. São ainda antecipadas dificuldades e desafios e formas de os contornar. É também um momento fundamental para confrontar inseguranças e responder a dúvidas.

Um aspeto muito interessante é a possibilidade de incluir Livros Humanos com experiência nesta formação, na medida em que a troca de ideias é essencial.

No quadro 2 pode encontrar-se um possível alinhamento da reunião.

Quadro 2: Reunião de preparação / formação com Livros Humanos

INTRODUÇÃO

- Boas-vindas a participantes
- Apresentação dos/as organizadores/as, voluntários/as, Livros Humanos
- Conceito, metodologia, objetivos

O PAPEL DO LIVRO HUMANO

- Descrição da tarefa
- Outros Livros Humanos existentes
- Regras
- Perguntas relacionadas com o papel dos Livros Humanos

CLARIFICAÇÃO DA ESTRUTURA E DO FUNCIONAMENTO DA BIBLIOTECA HUMANA

- Horas de funcionamento
- Locais
- Intervalos para descanso

DISCUSSÃO INFORMAL E ESPAÇO PARA PERGUNTAS

(com lanche/bebidas)

Identificação de outros elementos chave

Uma Biblioteca Humana precisa ainda de outros elementos.

Um deles é um/a **Bibliotecário/a**. Um/a bibliotecário/a tem a tarefa de facilitar o empréstimo de Livros Humanos. Uma das suas tarefas principais consiste na explicitação das regras e gestão do tempo. É também responsável pela realização da avaliação. No entanto, uma das principais tarefas do/a Bibliotecário/a é o cuidado com os Livros Humanos. Deve garantir-se que as suas necessidades básicas estão asseguradas, existem tempos suficientes de descanso e que, na eventualidade de existirem situações menos positivas, estas são interrompidas. Outra figura interessante é o **Dicionário/Intérprete**. Estes/as voluntários/as têm a tarefa de apoiar Livros Humanos que não dominam a língua do país em questão, quer fazendo tradução integral do que é dito, quer apoiando pontualmente no caso de dificuldades de compreensão. Podem ainda ser usados em casos de deficiência ou dificuldades físicas. A existência de Dicionário/Intérprete permite aumentar o número e variabilidade de Livros Humanos disponíveis. Pese embora a tarefa de Bibliotecário/a e Dicionário possam ser acumuladas, dificulta a gestão do tempo e a qualidade da experiência como um todo. Sempre que possível dever-se-á ter duas pessoas distintas para realizar estas tarefas.

Orçamento

O orçamento associado à organização de uma Biblioteca Humana depende da sua duração, número de Livros Humanos envolvidos e a natureza do espaço a utilizar. Algumas questões que permitem definir o orçamento são:

LOCALIZAÇÃO

Existem custos associados ao local escolhido? Se sim quais são?

- Aluguer do espaço?
- Seguros?
- Cadeiras e mesas?
- Tempo necessário para organizar o espaço?

PESSOAS

Quais os custos a ter com pessoas?

- Alimentação? Água?

- Transporte? Se se deslocam em transporte próprio pode-se pagar despesas de deslocação? É necessário providenciar transporte? Se sim, para quantas pessoas?

MATERIAIS

Que materiais são necessários e quanto custam?

- T-shirts ou Pins para Livros Humanos e Staff?
- Materiais de sinalização/divulgação?
- Panfletos?
- Materiais de promoção para público que participe no evento?

AVALIAÇÃO

- Quantos formulários de avaliação são necessários?

2.2.3. Planeamento e preparação da atividade nas escolas

Definição de público-alvo

O Município de Valongo optou por selecionar como público-alvo os/as jovens que frequentam o 9º ano em escolas do ensino básico e ensino secundário do concelho. No entanto, por indicação de algumas escolas, jovens do ensino secundário são pontualmente envolvidos. A escolha desta faixa etária prende-se, por um lado, com a existência de um nível de maturidade suficiente para uma interação fecunda com Livros Humanos; por outro, o facto de estarem em processo ativo de construção da identidade e estruturação da personalidade, o que aumenta o potencial impacto da Biblioteca Humana.

A preparação de alunos e alunas

A preparação de cada turma e a profundidade com que tal é tratado é da responsabilidade do/a docente que acompanha a turma na atividade.

É sugerida a preparação de perguntas às turmas, através de uma introdução à mesma em sala de aula, bem como a organização da interação com Livros Humanos. Este trabalho preliminar pode estar relacionado com a área curricular em questão ou versar usar uma área curricular específica para chegar ao

Biblioteca Humana

tema pretendido (ex.: Geografia – migrações; Inglês – discussão das questões da discriminação ou escrita acerca do mesmo em inglês; História – reflexão conjunto sobre grupos que na história foram alvo de estereótipos, discriminações e segregação).

No entanto, a principal preparação da atividade é a familiarização com a mesma e com a postura e atitude a ter. Ajuda ainda a clarificação de conceitos como: discriminação, minorias, preconceitos e sua origem.

As questões logísticas

Ao mesmo tempo que se efetua o recrutamento e formação de Livros Humanos, as escolas são contactadas para divulgar a atividade e para a marcação de reunião com um/a professor/a líder de tarefa. Nesta é explicitada a forma como se desenrolará a Biblioteca Humana nomeadamente o horário em que a atividade decorrerá. Desde o seu início e considerando o interesse que esta acção tem despertado, a Biblioteca Humana em Valongo tem usado tempo letivo para a sua implementação. O local é escolhido pelo/a professor/a líder de tarefa, que no caso de Valongo costuma ser a biblioteca escolar de cada agrupamento. De uma maneira geral, a biblioteca escolar encerra o seu funcionamento normal e é preparada de forma a criar um espaço físico que permita o máximo de privacidade possível aos grupos mas a proximidade suficiente para a circulação entre Livros Humanos, visto que o objetivo é que vários sejam “lidos” por todos os elementos do grupo-turma.

As cadeiras são dispostas em semicírculo, um por cada Livro Humano existente. Alguns preferem não ter barreiras físicas entre eles/as e alunos/as; outros/as, pela natureza do seu tema e necessidade de materiais de apoio, preferem ter uma mesa.

O local onde a Biblioteca Humana se realiza deve ser acessível a todo o tipo de alunos, alunas e Livros Humanos, pelo que o espaço selecionado deve ser verdadeiramente inclusivo.

2.2.4. Implementação:

Inicialmente, os Livros Humanos estavam identificados com uma t-shirt estampada com a questão: “Qual é o teu preconceito?” Atualmente optou-se por

crachás, com o mesmo texto. De uma maneira geral, a atividade desenvolve-se com um grupo-turma. Isto significa que o programa de trabalho é coincidente com o horário letivo da escola em questão. Cada turma é dividida em grupos de 5-7 elementos (pode ser uma tarefa efetuada pelo/a docente que acompanha a atividade ou pelo/a bibliotecário/a), de forma a fomentar a interação mais personalizada com cada Livro Humano.

Quando os subgrupos estão formados e os/as alunos/as sentados/as junto do seu Livro Humano, o/a bibliotecário/a apresenta as regras da atividade:

- Tempo para interação com cada Livro Humano;
- Respeito mútuo como base da interação;
- Possibilidade de terminar a interação caso as regras não sejam cumpridas.

Durante cerca de 15-20 minutos, cada grupo dialoga com cada um dos Livros Humanos presentes. Perto do final desse tempo, o/a bibliotecário/a avisa que o período de interação está a terminar, para que os diálogos possam ser concluídos com um final lógico. Os subgrupos trocam de Livro Humano sendo que a atividade termina quando todos tiverem interagido com os Livros Humanos disponíveis (habitualmente três para um tempo letivo de 45m).

O/a professor/a pode e deve estar presente durante a atividade, pese embora com um papel encorajador e facilitador de conversa, caso seja necessário. Note-se que o docente não deve centrar em si a atividade, substituindo alunos/as no processo de colocação de perguntas.

Durante as interações, o/a bibliotecário/a deve manter-se atento/a ao decorrer da atividade. Apesar de ser muito raro, pode existir a necessidade de intervir quando Livros Humanos fazem afirmações que não estão de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e objetivos da metodologia e/ou quando jovens não respeitam a dignidade do Livro Humano.

No final é solicitado o preenchimento de um questionário cujo objetivo é medir o grau de satisfação de participantes. Realiza-se ainda uma discussão coletiva onde se debate a opinião de umas e de outros, bem como as principais ideias retidas acerca dos aspetos e temas abordados. Esta fase pode ainda ser efetuada pelo/a docente que acompanha a turma, sendo a avaliação recolhida posteriormente junto da biblioteca da escola. Reinicia-se a atividade com uma nova

turma, nos mesmos moldes. Por uma questão de cansaço não se devem efetuar mais do que três sessões consecutivas e é fundamental a existência de tempos de descanso entre grupos-turma.

Questões a ter em consideração:

Pese embora pessoas que ultrapassaram dependências possam ter uma história interessante a contar, existem recomendações para que este tipo de exemplos não sejam usados com públicos menores. As intervenções na área da prevenção do consumo de substâncias devem estar integradas em programas com eficácia comprovada, que se baseiam sobretudo no desenvolvimento de competências sociais, nomeadamente a assertividade (capacidade para dizer não) e competências de tomada de decisão, ao mesmo tempo que fomentam um ambiente apoiante, onde as regras acerca do consumo de substâncias são claras. Intervenções descontextualizadas são altamente desaconselhadas podendo inclusivamente ter um efeito contraproducente.

É fundamental assegurar a confidencialidade de Livros Humanos: nem todas as pessoas se sentem confortáveis com a divulgação dos seus nomes e fotos ao público em geral, sobretudo através de redes sociais. Tal princípio tem que ser respeitado. A divulgação de fotos deve também ser autorizada por escrito.

Há também que ter cuidado com fotografias a menores e sua divulgação em meios de comunicação social e/ou redes sociais. Tal só poderá ser feito com a autorização expressa de representantes legais. A recolha de fotos pode, no entanto, ser efetuada desde que jovens não sejam identificáveis.

Os Livros Humanos devem ser pessoas externas às escolas, de forma a garantir a neutralidade e objetividade da interação.

Há que garantir questões de conforto pelo que Livros Humanos devem ter sempre água à sua disposição bem como pequenos lanches saudáveis. Devem ainda fazer intervalos regulares sempre que necessário.

2.2.5. Avaliação

A avaliação da atividade efetua-se de forma qualitativa e quantitativa.

A avaliação efetuada com jovens

A avaliação qualitativa efetua-se no final da acção. É solicitado aos participantes que preencham um questionário cujo objetivo é medir o seu grau de satisfação com a Biblioteca Humana. Através deste instrumento de inquirição são apresentados itens de avaliação que são pontuados através de uma escala Likert em 5 pontos em que 1 corresponde ao nível mais baixo de satisfação e 5 ao mais elevado.

É ainda sugerido que, em sala de aula, a atividade seja retomada pelo docente que a acompanha, efetuando uma discussão coletiva, onde se debate a opinião dos/as participantes, bem como as principais ideias retidas acerca dos aspetos e temas abordados.

A avaliação quantitativa tem-se revelado extremamente positiva sendo que a média da avaliação global da atividade tende a oscilar entre 4,8 e 4,9.

O aspeto menos positivo, normalmente, é o tempo de duração; alunos e alunas por vezes indicam que gostariam de ter mais tempo para a ação. No entanto, mesmo quando fizemos experiências com o dobro do tempo, este aspeto surgia como sendo o menos positivo. Não deixa de ser, no entanto, um elemento que permite induzir satisfação com a Biblioteca Humana.

A avaliação qualitativa é feita igualmente no questionário, existindo perguntas de resposta aberta. Aqui são transcritas algumas delas, respeitando a construção gramatical e ortográfica usada por alunos e alunas.

Quando questionados/as acerca do **que aprenderam com a Biblioteca Humana** foram obtidas várias respostas. Eis alguns comentários:

“Aprendi que apesar de existirem guerras e confusões em diversos países, ainda existem pessoas com bom senso e enfrentar a vida com garra.”

“Aprendi novos hábitos, costumes que me surpreenderam e mudaram o meu ponto de vista.”

“Aprendi que as religiões são diferentes, mas todas especiais, que não nos podemos render às dificuldades e que devemos perseguir os nossos sonhos.”

“Que toda a gente é boa pessoa e que não é por ser de outra cor ou de outra religião que nos devemos afastar deles.”

“Que a discriminação não vale de nada e é uma atitude idiota.”

“Muito sinceramente aprendi muito com esta experiência. Eu tinha uma ideia muito errada sobre os muçulmanos e agora que falamos sobre isso eu percebi que não é assim tão horrível como se dá a entender.”

“Aprendi que vivemos numa sociedade medíocre que se baseia em preconceitos sem lógica possível. Todos temos o direito de ser felizes e cada obstáculo que nos é colocado é para ser superado, não para desistir.”

“Aprendi várias coisas acerca das quais raramente falo.”

“Que há muito mais complexidade nestes assuntos do que o que a maioria das pessoas pensa.”

No que diz respeito a **comentários ou sugestões**, eis alguns comentários, que foram selecionados em função da sua diversidade:

“Devíamos repetir esta experiência.”

“Gostei muito de conhecer as histórias destas pessoas muito simpáticas. Deveria haver mais tempo para falarmos com cada uma porque são histórias muito interessantes. Deveria haver mais vezes esta atividade.”

“Não podiam ter escolhido melhores livros humanos. Receberam-

-nos muito bem e estavam dispostos a ensinar-nos muito sobre as suas culturas e vidas.”

“Achei muito bom, gostaria imenso de repetir pois aprendi imenso e vi a vida de forma diferente. O único ponto negativo foi o tempo, gostaria de ter estado a conversar e a ouvir mais tempo.”

“Adorei, espero que volte para o próximo ano.”

Em termos gerais, é possível concluir quer pelas pontuações atribuídas quer pelos comentários realizados, que o nível de satisfação é bastante elevado. Este resultado pode ainda ser confirmado através de indicadores não-verbais relativos ao interesse das/os alunas/os durante a realização da atividade (com particular ênfase para o facto do tempo letivo terminar e os/as jovens optarem por não usufruir do intervalo mas ficarem a falar com os/as voluntários) e de verbalizações de estudantes, professores/as e livros humanos.

A avaliação efetuada com entidades parceiras

É ainda possível fazer reuniões de avaliação com representantes da escola, das ONGs parceiras e com Livros Humanos. É muito importante ter e dar este tipo de feedback, como forma de melhorar as edições seguintes da Biblioteca Humana e a eficácia das parcerias.

Recomenda-se ainda o envio da avaliação efetuada para todas as entidades participantes, juntamente com um agradecimento pela colaboração na Biblioteca Humana.

3. Fatores críticos de sucesso

Existem vários elementos críticos de sucesso nesta atividade.

O mais importante é a agregação de Livros Humanos em diversidade e quantidade suficiente para realizar esta ação num horário de funcionamento das escolas. No entanto, a identificação de Livros Humanos é mais eficaz quando feita em parceria com associações e ONGs que podem apoiar Livros Humanos com perfil adequado a participar na atividade. O envolvimento das escolas e agrupamentos de escolas do território revela-se igualmente fundamental uma vez que só é possível abranger um número elevado de jovens com a sua colaboração e disponibilização de tempo letivo para o efeito. Finalmente, enquanto atividade de educação não formal, a Biblioteca Humana pode ser adaptada a diferentes realidades físicas e contextos (escolas, bibliotecas, espaços culturais, festivais de música), permitindo o contacto individual ou grupal.

4. Conclusões

Numa Europa cada vez mais diversa, onde as migrações e as minorias são encaradas como ameaças e onde movimentos nacionalistas ganham força, uma atividade simples como a Biblioteca Humana pode ajudar a contrariar a política do medo e as divisões existentes na sociedade. A possibilidade de envolvimento de pessoas através de diálogo construtivo e não-violento, mas sobretudo a forma como indivíduos conversam e o conteúdo dessas trocas de ideias, que se tornam em componentes fundamentais para uma mudança positiva.

Tal como é referido na literatura, a experiência do Município de Valongo demonstra que o contacto e diálogo interpessoais ajudam a reduzir a estigmatização em relação a grupos. Ao mesmo tempo, servem como ferramenta de empoderamento para Livros Humanos e permitem momentos de aprendizagem, diversão e estabelecimento de ligações pessoais com grupos muito diversificados de pessoas.

Considerando o elevado potencial de mudança e flexibilidade de jovens adolescentes, revela-se particularmente pertinente desenvolver atividades que visam a desconstrução de estereótipos junto destes públicos.

5. Bibliografia

Abergel, R., Rothmund, A., Titley, G., & Wootsch, P. (2005). *Don't judge a book by its cover! The Living Library Organiser's Guide*. Council of Europe, Budapest.

Allport, Gordon (1979). *The Nature of Prejudice*, 25th Anniversary ed., Basic Books, New York.

Carageragea, V. *Human Library facilitation guide*. Disponível em: https://www.erasmusplus.ro/library/files/Ghiduri%20Connector%202017/Human%20Library_Connector%202017.pdf

Dobreski, B. & Huang, Y. (2016). *The joy of being a book: Benefits of participation in the human library*. Disponível em <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/pra2.2016.14505301139>

European Monitoring Centre for Drugs and Drug Addiction (2017). *Health and social responses to drug problems. A European Guide*. European Union, Luxembourg.

Garbutt, RG (2008). *The living library: some theoretical approaches to a strategy*

for activating human rights and peace', in R Garbutt (ed.). *Activating Human Rights and Peace: Universal Responsibility Conference 2008 Conference Proceedings*, Byron Bay, NSW, 1-4 July, Centre for Peace and Social Justice, Southern Cross University, Lismore, NSW, 270-278.

Little, N., Nemetlu, G., Magic, J., & Molnár, B. (2011). *Don't judge a book by its cover! The Living Library Organiser's Guide*. Council of Europe, Budapest.

Maria, B., Turcu, R. & Stan, C. (2011). *Human Library Toolkit*. Disponível em <https://www.salto-youth.net/tools/toolbox/tool/human-library-toolkit.1336/>

Orosz, G., Bánki, E., Böthe, B., Tóth-Király, I., & Tropp, L. (2016). Don't judge a living book by its cover: effectiveness of the living library intervention in reducing prejudice toward Roma and LGBT people. *Journal of Applied Social Psychology*, Volume 46, Issue 9, 510–517.

Pardasani, R., & Rivera, W. (2017). *Human Library: An Anti-Oppressive Tool - Implementation guidelines of Human Library*. Diaconia University of Applied Sciences, Helsinquia.

The Finnish Youth Co-Operation Allianssi (2009). *The Human Library Teacher's Guide*.

Valentine, G.(2008). Living with difference: reflections on geographies of encounter. *Progress in Human Geography*, 323-327.



EXPERIÊNCIA



INICIATIVA



EDIÇÃO

